O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

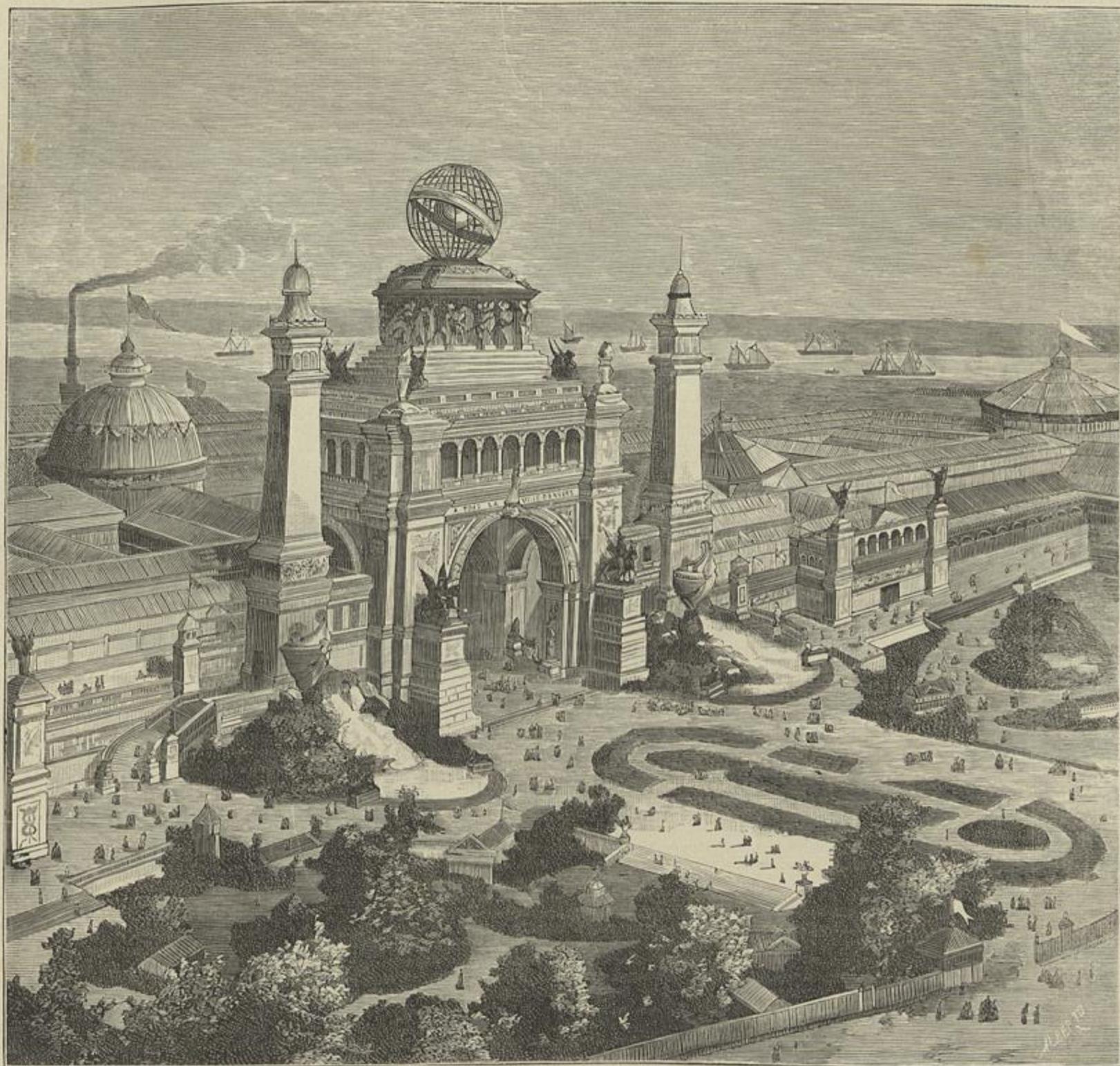
Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

8.º ANNO — VOLUME VIII — N.º 231

21 DE MAIO 1885

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administador da empreza.

EXPOSIÇÃO DE ANVERS — VISTA GERAL DO PALACIO DA EXPOSIÇÃO, INAUGURADA EM 2 DO CORRENTE

CHRONICA OCCIDENTAL

Fez beneficio na quarta feira 13 do corrente no theatro de D. Maria a actriz Virginia.

O prestigio brilhante do formosissimo talento de Virginia desfez completamente todo o enguiço tradiccional do n.º 13, e a sua noite de beneficio foi uma noite alegre de festa, uma noite d'ovações e de enthusiasmo.

Virginia é inegavelmente a primeira actriz dramatica que hoje representa em Portugal, e o seu talento gentil tem-se affirmado n'estes ultimos tempos, nos grandes papeis dramaticos da *Fedora*, da *Estrangeira*, da *Princeza de Bagdad* e do *Grande Industrial*.

Além do seu enorme talento, Virginia tem como actriz e como mulher um poderoso condão de sympathia: se não ha hoje no palco portuguez actriz que mais valha, não ha tambem actriz com quem o publico sympathise mais: a gente ao vel-a representar admira-a e estima, applaude-a e gosta de a applaudir, alegra-se com os seus triumphos, regosija-se com as suas victorias e d'ahi o serem as festas artisticas de Virginia, verdadeiras festas para todos que assistem a ellas, que n'ellas tomam parte, que as fazem.

E desde o primeiro dia que Virginia pisou o tablado que esta corrente de sympathia se estabeleceu entre ella e o publico.

Nós não nos lembramos d'esse dia e pela simples razão de não termos assistido á estreia notavel d'essa actriz destinada a ser notabilissima.

Mas lembramo-nos ainda da primeira vez que a vimos representar, nos *Solteirões*, o papel de Antoinette, cremos, aquella candida e casta donzella, deante de quem se curvava estatico e envergonhado Mortimer, o leão *emerite*, o devasso galanteador, que Santos, o grande e pobre Santos representava com aquelle deslumbramento de jogo scenico, que com elle desappareceu da scena portugueza.

Virginia era adoravel n'essa adoravel creação de Sardou, talvez o typo mais formoso e gentil de todo o seu vasto e glorioso theatro, e adoravel era tambem n'um *bout de rôle*, d'outra peça do mesmo auctor na *Patria*, a filha do duque d'Alba, uma visão d'anjo que enchia de perfume e de encanto aquelle grande drama sanguinolento e terrivel.

E nas nossas reminiscencias surge tambem outra creação seductora de Virginia, que foi tambem um dos maiores triumphos da sua primeira maneira — a ingenua da *Oração da Tarde*, uma formosa comedia hespanhola de Marianno Larra, traduzida deliciosamente por Pinheiro Chagas, e se fossemos agora a ouvir essas reminiscencias teriamos que citar todo o reportorio de *ingenuas* da Virginia.

A primeira peça onde a segunda fórma do talento formosissimo se começou a manifestar, n'essa transformação da creança adoravel para mulher adorada foi na *Estrangeira*, e a duqueza de Septmonds ficou logo na primeira fila entre as creações mais notaveis do nosso theatro moderno.

A *Princeza de Bagdad* accentuou essa transformação, e a *Fedora* com o seu colossal triumpho veiu collocar Virginia, a ingenua de hontem, no logar proeminente da nossa scena, veiu dar-nos aquillo que nós não tinhamos nos nossos theatros, uma grande actriz dramatica.

O drama que Virginia levou á scena na noite do seu beneficio é um drama banal, sem nada que o recommende, nem merecimento litterario, nem effeito dramatico, que apesar do magnifico desempenho que lhe deu Virginia e João Rosa não conseguiu merecer a sympathia do publico.

N'essa mesma noite representou-se pela primeira vez uma comedia n'um acto o *Pretexto*, sobre a qual tinha já descido o panno, quando chegámos ao theatro, mas que nos disseram ser delicadissima, muito bem traduzida, o que acreditamos porque conhecemos o traductor, muito bem representada o que acreditamos porque estava confiada a Rosa Damasceno e Brazão.

Por um encontro muito vulgar nos nossos theatros, ainda mal para o publico e para os artistas, o beneficio de Virginia coincidiu com o beneficio do actor Marcelino Franco, do theatro do Gymnasio, a primeira representação do *Marido* com a primeira representação d'um drama em 4 actos, original do nosso bom amigo o sr. Vicente Pires, *Brisas e Vendavaes*.

Essa coincidencia fez com que não podessemos assistir á peça do Gymnasio e faz com que hoje não possamos falar d'ella.

E já que começamos falando de theatros, e de actores, falando de actores continuaremos a proposito d'um livro novo e elegante, de que recebemos há pouco a visita e que é extremamente curioso — o ALBUM DO ACTOR SANTOS.

Atirado de repente pela maior das desgraças — a cegueira — da ruidosa gloria em que vivia triumphante no palco onde imperava sem rival, para o triste isolamento do seu quarto de enfermo, e de enfermo permanente, enfermo sem cura o que quer dizer, enfermo com raros companheiros, o grande actor Santos, matou as longas horas de solidão, de tristeza, de afastamento do mundo brilhante em que era o primeiro a brilhar, revolvendo as reminiscencias saudosas da sua carreira triumphal, fazendo o inventario triste das suas alegrias passadas, compendiando todas as recordações d'esses tempos aureos da sua vida, que o foram tambem da nossa arte.

Investindo corajosamente contra esse medonho supplicio de que falou o Dante, recordar na adversidade os dias felizes que passaram, Santos dictou as suas memorias, recopilou a sua historia artistica, pela commemoração dos seus mais ruidosos triumphos e das suas mais lancinantes desgraças.

É assim que n'esse album do illustre actor nós encontramos, a ultima comedia que estudou com vista — *O acrobata* de Feuillet ao lado da primeira que representou depois de cego — *O Camarote da Opera* de Jules Lecomte; a *Bengala*, a engraçada poesia com que fez rir toda Lisboa no alvorescer da sua nomeada, ao lado das *Visões do actor*, a poesia com que fez chorar toda a sala do theatro do Principe Real já completamente cego.

É um livro que desperta a curiosidade, mas que ao mesmo tempo faz tristeza, o livro do actor Santos.

O grande brilho da sua gloria tornou ainda mais doloroso o seu immenso infortunio, e tanto essa gloria como esse infortunio revivem aos nossos olhos, ao folhear esse curioso album, revivem pelas datas a que elle se refere, pelas recordações que evoca, revivem ao contemplar essas originaes caricaturas de Bordallo Pinheiro, esses brindes das festas enthusiasticas do grande artista, e esses tristes retratos que tem por baixo a dolorosa legenda — *Depois!*

É rapida e curta a parte do album de Santos consagrada ás suas notas pessoaes, as suas impressões e reminiscencias do theatro e dos homens do seu tempo, e é pena que seja assim porque deviam ser muito curiosas as memorias do grande actor, como curiosissimas são essas breves notas alinhavadas nas tristes horas de martyrio e de torturas, em que a cegueira transformou a vida gloriosa de Santos.

N'essas notas feitas despretenciosamente, incorrectamente, sem preoccupação alguma de fazer litteratura, e lançadas para alli ao acaso como se apontam n'uma carteira intima, ha muitos factos interessantes e geralmente desconhecidos, ha muito apontamento interessante, ha muita apreciação justa, muita critica judiciosa sobre a nossa arte e os nossos artistas.

O *Album do actor Santos* tem um elevado numero de assignantes, cujos nomes figuram nas primeiras paginas do livro; é uma obra curiosa, que se esgotará rapidamente e que será lida com interesse por toda a gente que admirou Santos na plenitude da sua gloria e que o lamenta agora na plenitude da sua desgraça.

E assim como assim parece-nos que toda esta chronica será de artistas e de theatros.

Temos agora que falar da peça nova da Trindade, do *Grão Mogol*, tão esperado, tão annunciado, e que finalmente appareceu justificando amplamente a sua demora pelos explendores do scenario e de mise-en-scene.

O *Grão Mogol* como opera comica é uma operetta como outra qualquer, com a differença do seu poema ser menos engraçado que muitos outros e da sua musica ser muito mais bem feita que a da maioria das partituras do mesmo genero.

Feita por Audran, o auctor glorioso da *Mascotte*, a musica de *Grão Mogol*, tem originalidade, tem inspiração, e tem sobre tudo uma certa correcção cuidada que não é muito vulgar n'estas operettas.

Mas o grande *successo* da peça na Trindade tem sido o luxo com que a empreza a pôz em scena, o explendido scenario pintado pelo sr. Machado, cujo pincel habil está honrando muito a scenographia portugueza, e cujo talento brilhante se accentua mais notavelmente em cada novo trabalho.

A ultima noticia d'estes dez dias é a da abertura do novo mercado da praça da Figueira.

O mercado está feito com grande luxo, elegancia e é perfeitamente digno d'uma capital de primeira ordem.

A inauguração foi muito concorrida e feita com toda a pompa, com assistencia da familia real e de altos funccionarios d'estado.

N'essa noite e na noite immediata houve brilhante illuminação, o mercado esteve publico e a concorrencia foi enorme.

E agora é que começa o mercado a ser mercado, e d'aqui a poucos annos ninguem se lembrará já da velha praça da Figueira...

É a eterna historia, o *ceci tuera cela*, o hoje matando o hontem, o amanhã matando o hoje...

Pobre praça da Figueira, consola-te com uma idéa, é que hade vir um dia, em que esse mercado novo seja tambem velho, desprezado, esquecido e substituido.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE ANVERS

A cidade de Anvers acaba de celebrar uma festa explendida, uma d'essas festas que constituem o orgulho do nosso seculo, evidentemente destinado á glorificação do trabalho, como suprema aspiração da humanidade, que irá pouco a pouco depondo as armas emissouras da morte e da desolação, nos campos das batalhas, e trocando os hymnos de guerra echoados atravez das montanhas e dos campos assolados pela devastação das luctas sanguinarias, pelos festivaes da paz entoados sob os tectos dos templos levantados ao trabalho ou nos jardins replectos de flores.

Está em festa a grande cidade industrial e commercial, e n'essa festa tambem Portugal toma uma parte honrosa, na exposição que alli se verifica e que foi inaugurada no dia 2 do corrente com grande regosijo publico.

A exposição foi aberta pelo rei Leopoldo II acompanhado da rainha, mais familia real, altos funccionarios e grande concurso de povo, em numero não inferior a 7:000 pessoas.

Um canto festival, expressamente composto para este acto, pelo poeta flamengo Jan Van Beers com musica do maestro Pierre Benoit, foi entoado por 384 vozes de mulheres, 408 de homens e 434 de crianças, acompanpadas por uma orchestra de 208 executantes, além de um orgão. A' primeira exclamação d'este canto respondeu a artilheria das fortalezas, e á segunda repicaram os sinos de todas as torres da cidade, tocando a orchestra o choral final do *Feestzang* annunciando a festiva nova. Então desfilou ao som dos hymnos, pela frente do palacio da exposição, um cortejo composto das sociedades concorrentes á mesma.

Um discurso pronunciado por Mr. Lynen presidente da commissão promotora d'aquelle grande certamen, fez notar que, apesar das grandes difficuldades que de principio se levantaram para a realisação d'aquelle concurso universal, os resultados até alli obtidos excediam toda a expectativa, para o que tinha concorrido o poderoso auxilio do rei Leopoldo e o concurso das nações alli representadas.

A este discurso respondeu o rei congratulando-se por ver tão lisongeiramente coroados os esforços que se empregaram, e agradeceu o concurso das nações á exposição que acabava de ser inaugurada. Esta exposição, devida á iniciativa particular de um grupo de homens importantes da cidade de Anvers, foi projectada ha pouco mais de um anno.

A idéa d'esses homens encontrou desde logo o mais decidido apoio, e não faltaram os recursos, para a consumar n'um facto, deliniando-se immediatamente o local em que se devia levantar o palacio da exposição e as suas differentes secções distribuidas por uma vasta planicie junto ao mar.

A fachada principal do palacio mede 325 metros de comprimento por 35 de altura. O espaço total occupado pela exposição mede uma area de 255:000 metros quadrados. O portico denominado *Mappa-mundi* por ser coroado por uma grande esphera que lhe serve de remate, mede na sua maior altura 88 metros. As torres que se veem aos lados do portico completando o corpo central, tem 65 metros de altura. Em cada uma d'estas torres ha uma plataforma onde funccionam dois grandes pharoes electricos giratorios do systema Carcel e da força de 6:000 lampadas.

A' entrada e de cada lado do portico, ha duas grandes cascatas d'onde se despenham abundantes jorros d'agua. Pela frente do palacio estende-se um vasto jardim que dá entrada para o recinto da exposição. A gravura que publicamos na primeira pagina dispensa-nos de mais minuciosa discripção com respeito á frontaria do edificio.

Quando a exposição se inaugurou, ainda não estavam concluidas todas as suas instalações e faltavam mesmo acabar alguns trabalhos concernentes ao proprio edificio, o que só no fim d'este mez estará completo.

A Belgica reservou para a sua exposição 35:000 metros quadrados no recinto do palacio; a França requisitou 18:000 metros; a Allemanha 7:000; a Italia 3:800; a Inglaterra e suas colonias, 2:500; a Russia, 2:300; a Austria-Hungria, 2:100; a Hespanha, Hollanda, Estados-Unidos, Suecia e Noroega, e Portugal, 2:000 metros cada uma; a Suissa, 1:800 e mais algumas nações que requisitaram menores espaços.

Portugal que alli figura representado pela Sociedade de Geographia de Lisboa, que tem empregado todos os esforços para que os productos das colonias portuguezas dignamente figurassem n'aquelle certamen, apresenta uma exposição colonial importantissima e que tem chamado especial attenção.

O rei Leopoldo, logo no dia da inauguração, visitou a nossa exposição, e mostrou-se muito satisfeito pelo que n'ella viu, agradecendo muito especialmente a comparencia de Portugal n'aquelle concurso universal.

Effectivamente os productos das nossas colonias tem causado uma verdadeira surpreza, tal é a idéa que os estrangeiros faziam do estado das colonias portuguezas, muito principalmente depois das falsidades que n'estes ultimos tempos se tem intencionalmente porpalado a respeito d'ellas.

N'esta occasião, sobre tudo, é para Portugal de uma grande vantagem esta exposição, porque é a resposta mais eloquente e o desmentido mais formal com que podia confundir os seus detratores.

Além dos productos coloniaes que figuram na secção portugueza, figura ainda uma outra prova da civilisação africana, que tem dado logar aos maiores commentarios, porque foi uma verdadeira surpreza.

Referimo-nos á banda da policia de S. Thomé, composta de africanos de 13 a 18 annos, ensinados pelo sr. Silva, que fôra para S. Thomé empregado do estado, e que alli, valendo-se dos seus conhecimentos musicaes, conseguiu ensinar e organisar aquella banda que está sendo a grande novidade da exposição.

E' facil de calcular o espanto que deve ter produzido em Anvers esta banda marcial, perfeitamente disciplinada e amestrada, vinda das possessões portuguezas que eram, por ventura, consideradas como terras de selvagens, onde ainda não entrára a mais tenue luz de civilisação.

O proprio rei Leopoldo ficou surprehendido quando a banda dos nossos africanos executou na sua presença, irreprehensivelmente, o hymno belga, que apenas tivera duas horas para o estudar.

A paginas 116 publicamos uma gravura representando a banda da policia de S. Thomé composta de 18 figuras tendo á sua frente o mestre que a ensinou.

Lisboa já teve occasião de ouvir estes musicos, quando aqui estiveram de passagem, vindos de S. Thomé com destino á exposição de Anvers, e poude avaliar a sua aptidão musical.

Esperamos acompanhar com mais algumas gravuras e noticias a exposição de Anvers, muito principalmente na parte que nos diz respeito, completando tanto quanto possivel a chronica d'este facto que tem para Portugal todo o interesse, tanto material como moral.

ASYLO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Foi inaugurado no dia 9 do corrente este grande estabelecimento de caridade, na sua nova casa do Largo do Rato, em Lisboa.

O Asylo de Nossa Senhora da Conceição, destinado a recolher e educar menores abandonadas ou orphãs sem protecção, é uma instituição tão sympathica e de tão salutares beneficios, que não precisamos aqui exaltar-lhe o fim humanitario e util que tem, porque o povo comprehendeu perfeitamente a grande idéa humanitaria que esta instituição envolve, quando, ainda ha bem poucos dias, foi expontaneamente concorrer com o seu obolo á Kermesse que se realisou no Passeio da Estrella, em beneficio d'este asylo.

Consola vêr a sollicitude com que no nosso paiz se cuida dos desvalidos da fortuna, e como todas as classes da sociedade fraternisam na mesma idéa — a Caridade

O rico e o poderoso, não se esquece no meio da sua abastança e commodidades, dos que teem fome e dos que soffrem; o remediado, o que vive modestamente e até aquelle a quem muitas vezes falta o necessario, tambem acode ao desvalido e reparte com elle os seus escassos haveres, e faz isto com uma grande satisfação, livremente, por indole e por costume. Abençoada pratica que derrama tantos beneficios.

Assim se explica o grande apoio e incremento que as instituições de caridade teem em Portugal, como nenhum outro paiz as possue.

O edificio onde hoje se acha estabelecido o Asylo de Nossa Senhora da Conceição, era um antigo convento de freiras que ha poucos annos vagou. Este convento foi mandado edificar por legado de Manuel Gomes de Elvas, fidalgo de Sua Magestade, para freiras da Ordem da Santissima Trindade, entrando para elle as primeiras freiras, em junho de 1721. Nenhum facto importante está ligado á historia d'este convento, que mereça referir-se.

Quando o convento vagou, houve a idéa de o applicar para um asylo, idéa que passou á pratica, e em que muito influio o ex.mo sr. Conselheiro Arrobas, que era ao tempo governador civil de Lisboa, e o ex.mo sr. D. Luiz de Carvalho Daun e Lorena, provedor do asylo.

Planearam-se as obras que eram precisas fazer no edificio para servir de asylo, e foi encarregado d'esse plano, bem como de lhe dar execução, o architecto o sr. Luiz Caetano Pedro de Avila. As obras que se fizeram foram importantes tanto no interior como no exterior do edificio, que foi completamente transformado com muito bom gosto e arte, pelo distincto architecto.

Unicamente a egreja ficou como estava, no interior.

As obras principiaram em 1880 e transformaram o velho convento em uma habitação cheia de ar e de luz.

No primeiro pavimento, rez do chão, tem habitação para duas familias e deposito de impressos da Imprensa Nacional, onde tambem se acha estabelecida a officina lytographica da mesma Imprensa. No segundo pavimento, ha habitações para tres familias e accommodações para a administração do asylo. No terceiro e quarto pavimento são os dormitorios, enfermaria, refeitorios para os asylados e sala de jantar para os professores, aulas, salão para as grandes solemnidades e uma sala reservada para Sua Magestade a Rainha, quando visita o Asylo. Os empregados do Asylo teem todos alli os seus aposentos. A despensa, copa, cosinha, lavatorios e pharmacia, são tambem no primeiro pavimento, assim como quartos para banhos publicos, com todos os pertences necessarios.

Os dormitorios, que são seis, teem a capacidade cubica de 3:240 metros. Nos sotãos podem accommodar-se umas duzentas crianças em caso de necessidade. O refeitorio grande dá logar para trezentas crianças.

Póde-se considerar o primeiro estabelecimento d'este genero, em Lisboa, pois reune á sua grandeza uma magnifica divisão, onde se attendeu a todas as necessidades e commodidades, e uma bella construcção de apparencia agradavel e elegante. Pena é, que um frontão projectado pelo esculptor o sr. Alberto Nunes, a convite do sr. Avila, não pudesse decorar o edificio, dando-lhe um aspecto mais artistico e ornamental, mas a despeza que essa obra demandava, despeza aliás modesta em face de 80:000$000 réis que a reconstrucção do edificio custou ao Estado, impedio de se executar o frontão, pelo menos por agora.

Junto com a gravura do edificio, publicamos a do projecto do frontão, que devemos á amabilidade do seu auctor, o ter-nos cedido uma photographia do mesmo, e por ella se poderá avaliar o quanto embellezaria o edificio, se aquelle frontão o coroasse.

A composição do sr Alberto Nunes é perfeitamente allegorica ao edificio a que era destinada. Ao centro do frontão está a figura de Christo, em pé, chamando a si as crianças; por baixo, lê-se: *Amae-vos uns aos outros;* ao lado direito d'esta figura está a Caridade, que proteje as crianças, e ao lado esquerdo a Instrucção; dois grupos de crianças, estudando e applicando-se a varios trabalhos, completam a composição do artista, que mais uma vez revelou o seu grande merecimento.

Estamos convencidos que se se attendesse um pouco á arte e ao gosto, não se teria posto de parte este projecto, que tão bem completava o edificio, e dizemos isto, porque o que se deu com o asylo, que é um estabelecimento de caridade feito com a maior economia, dá-se com outros edificios publicos e particulares, em que a arte decorativa não vae além d'umas molduras ou misulas muito modestas, e se se trata de guarnecer alguma platibanda com figuras, vão-se buscar bonecos de barro feitos na olaria, e com isto se satisfaz todo o ideal de decoração d'um edificio.

Dissemos que a inauguração do asylo na sua nova casa, teve logar no dia 9 do corrente. Foi esse o primeiro dia de festa a que se seguiram mais dois, em que o estabelecimento esteve publico, sendo visitado por milhares de pessoas. Em a noite do dia 9 houve um brilhante sarau em que tomaram parte muitos distinctos poetas, oradores e amadores de musica.

A litteratura e a musica tiveram alli dignos representantes, que puzeram ao serviço da caridade o seu bello talento e arte. Registremos aqui os nomes de alguns d'esses benemeritos que foram: os ex.mos srs. visconde de Monsaraz, Jayme Victor, Christovão Ayres, dr. Antonio Candido, Fernando Caldeira, Augusto Gerschey, dr. Elmano da Cunha, José Vieira, João Affonso, Eugenio Costa, Julio de Magalhães e Jorge Veiga, e as ex.mas sr.as D. Maria Pery Botto, D. Maria Margarida Franco d'Almeida, D. Maria Luiza de Carvalho e D. Paulina Stegner.

A este sarau assistiram Suas Magestades e grande parte da melhor sociedade de Lisboa. A entrada para o sarau custava 1$500 réis. Havia além d'isto um bazar de prendas.

A digna direcção do asylo viu coroados os seus esforços de um modo bastante lisongeiro, e muitos louvores cabem a todos que tanto se esforçaram para obter um edificio tão completo e os meios para o dotar convenientemente, no que terão ainda muito que fazer. O zelo e dedicação inexcediveis do ex.mo sr. D. Luiz de Carvalho Daun e Lorena, provedor do asylo, secundado pelos ex.mos srs. dr. Agostinho Alves Marinho da Cruz e Francisco Simões Margiochi, são dignos de especial menção pelo muito que se teem empenhado na boa organisação e administração d'este estabelecimento de caridade, que é tambem é uma bella escola de educação em que as asyladas recebem, além da instrucção litteraria elementar, todo o mais ensino proprio do seu sexo, com que se habilitam a saber desempenhar todos os trabalhos domesticos.

CONCURSO DE GYMNASTICA NO HYPPODROMO DE BELEM

O Real Gymnasio Club Portuguez, essa instituição sympathica e util de que já aqui nos occupámos, (1) realisou no dia 17 do corrente um espectaculo inteiramente novo para Lisboa, pelas condições em que se effectuou, e que nos faz lembrar uma d'essas festas athenienses que constituiam uma das feições mais caracteristicas da grande civilisação da Grecia antiga.

Foi um concurso de gymnastica em que tomaram parte, além dos socios do Real Gymnasio Club Portuguez, o corpo de bombeiros voluntarios de Lisboa, os alumnos da Casa Pia, as Escolas Municipaes e os Gymnasios, os alumnos da Escola Academica, Escola Nacional, Collegio Inglez e um grupo de velocipedistas.

Este grande concurso verificou-se no Hyppodromo de Belem onde compareceram Suas Magestades e Altezas e uma grande concorrencia de povo attrahido pela novidade do espectaculo, que deveras causou os maiores enthusiasmos, pela mestria, elegancia e arte com que foram executados os diversos trabalhos de que constava o programma.

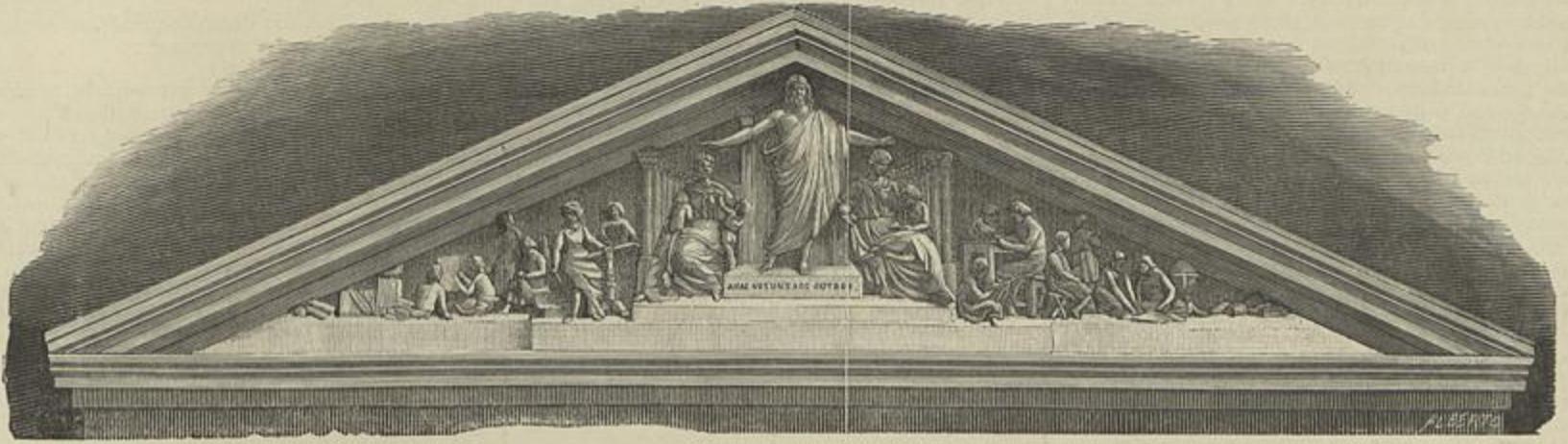
Pelas duas horas da tarde apresentaram-se na arena os concorrentes ao concurso, que já mencionámos, uniformisados conforme as corporações a que pertenciam, vestindo os velocipedistas uns fatos de setim e malha, que realçavam pelo matisado das côres.

O espectaculo principiou por uma grande marcha em continencia, que terminou pelo assalto aos porticos. Seguiu-se uma corrida de velocipedes; depois exercicios elementares de gymnastica, pelos alumnos dos differentes collegios que concorreram; segunda corrida de velocipedes, interrompida por outros exercicios gymnasticos, seguindo-se uma terceira corrida, e mais duas intervalladas por outros exercicios, como um simulacro de incendio, em que os bombeiros voluntarios fizeram todas as manobras de ataque e salvação, com tanto enthusiasmo e arrojo como se effectivamente se achassem no meio das chamas salvando gente e combatendo o incendio; e duas corridas a pé, uma de 250 metros de extensão e outra de 1:000 metros, terminando o espectaculo, proximo das sete horas da tarde, por um extraordinario exercicio de gymnastica, em 24 trapezios volantes e assalto geral ao grande portico, pelo Real Gymnasio Club Portuguez.

Estavam todos satisfeitissimos, uns pelo bello espectaculo a que acabavam de assistir e outros pelos brilhantes resultados obtidos n'aquelle explendido certamen.

(1) Vid. OCCIDENTE, 7.° vol. pag. 211 e 213.

EXPOSIÇÃO DE ANVERS — A BANDA DO CORPO DE POLICIA DE S. THOMÉ (Segundo uma photographia de Camacho)

BELLAS-ARTES

Projecto de frontão, por Alberto Nunes, para o edificio do Asylo de Nossa Senhora da Conceição (Segundo um cliché da Photographie du Grand-Monde)

Os premios do concurso constavam de medalhas de prata, offerecidas pelo Real Gymnasio Club Portuguez.

Eis que, finalmente, em Portugal e muito especialmente em Lisboa, a gymnastica conseguiu tomar o seu logar na educação phisica, devendo-se essa grande conquista do progresso, em primeiro logar, ao Real Gymnasio Club Portuguez, uma sociedade de iniciativa particular, que em poucos annos tem conseguido resultados praticos de primeira ordem.

A estampa da nossa oitava pagina representa uma parte do grande hyppodromo de Belem, na occasião de uma das corridas de velocipedes, apontamento tomado do natural pelo nosso collaborador artistico J. Christino, no seu album.

A MUSA DAS REVOLUÇÕES

Por ALBERTO PIMENTEL

Foi eminentemente litterario e philosophico o intuito que levou o sr. Alberto Pimentel a escrever o livro, que intitulou *A Musa das Revoluções*, e a que deu o sub-titulo de *Memoria sobre a poesia popular portugueza nos acontecimentos politicos*. Tão descurados andam entre nós os estudos d'esta ordem, e tão minguados são os elementos que o investigador logra obter, depois de largas, e não poucas vezes infructiferas indagações, que não pode deixar de ser considerado como benemerito das lettras patrias, quem como o sr. Alberto Pimentel, se aventura a pesquizas apenas apreciadas por um limitado numero de leitores.

É completo o trabalho do sr. Alberto Pimentel? Não é, nem o poderia ser, senão quando o auctor andasse desafogado de outros encargos, e dispondo do tempo indispensavel para revolver livrarias, sondar memorias obliteradas, importunar testemunhas presenceaes dos factos, com relação aos acontecimentos contemporaneos, finalmente, podendo entregar-se unica e exclusivamente á tarefa a que mettera hombros.

Poucos escriptores portuguezes teem a necessaria liberdade de espirito para commettimentos litterarios, que saiam do dominio puro da imaginação, e que demandem portanto um outro trabalho previo, externo; andaime sem o qual a e[illegible]

Asylo de Nossa Senhora da Conceição, inaugurado no dia 9 do corrente (Desenho do natural por Cazellas)

ficação não poderá progredir. O auctor da *Musa das Revoluções* é o primeiro a reconhecel-o, confessando que o seu trabalho não é completo; mas ainda assim, accrescentaremos nós, ficará sendo como uma carta de guia a quem pretender desenvolver o assumpto, digno por todas as razões, de ser estudado com perseverança, e cuidado. Alargou-se o auctor mais do que devera, talvez, nas considerações e apreciações que fez no prologo do seu estimavel livro acêrca da influencia da poesia popular nos acontecimentos politicos das outras nações; deixando em desproporção relativa, o muito mais que havia a dizer sobre a poesia popular portugueza, encarada sob o ponto de vista revolucionario, estendendo-se até á cantiga, como o auctor declara haver sido proposito seu. Duas epochas, approximadas dos nossos dias, se apresentam a reclamar um estudo mais minucioso dos factos que provocaram a exploração do sentimento popular, traduzido, não no hymno, a que chamaremos a fórma official dada por intermedio da poesia ás revoluções triumphantes; mas nos cantos populares, inspirados pelas alegrias do enthusiasmo patriotico, ou revelando-se melancholicos, consoante ao desanimo, e ás desesperanças de momento.

As duas epochas a que nos queremos referir, são as que abrangem todo o reinado de el-rei D. José, até á morte e ao desterro do seu ministro: e, ainda mais perto de nós, o periodo historico que ficou conhecido pela denominação de revolução da Maria da Fonte. Aqui, principalmente, afigura-se-nos haver lacunas, que o auctor poderia ter vencido, não diremos com facilidade, mas a troco de uma resistencia tenaz, importuna se quizerem. Quem como nós tomou parte nos acontecimentos politicos de 1846, sabe quão fertil elles foram como elemento e estimulo da poesia popular Para o demonstrar bastará dizer que nas innumeraveis marchas e contramarchas do batalhão academico, composto exclusivamente de rapazes, vindos das diversas provincias do reino, era cantando, cantando sempre, e pondo em circulação as reminiscencias poeticas da terra em que cada qual nascera, adequadas e amoldadas ás circumstancias dos tempos que corriam, que nasceu feito um copioso cancioneiro, que ainda hoje se poderia recompor, com o auxilio dos que foram actores da popular revolução do Minho. Entre estes, vivem ainda, entre outros que no momento nos não acodem á memoria, os distinctos poetas João de Lemos, Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro, D. Antonio da Costa e Couto Monteiro, que, quando interrogados, não deixariam de satisfazer á curiosidade do auctor, fornecendo-lhe dados para maior desenvolvimento da sua obra, em relação ao periodo historico da chamada Maria da Fonte.

No começo logo do livro falando o auctor dos proloquios politicos, guardados pela tradição oral como *divisa* da nação e pergaminhos do orgulho portuguez, e do seu valor na adversidade, cita o sr. Alberto Pimentel dois versos, que desculpe-nos dizer-lh'o, se andam na tradição oral, como affirma, não teem ainda a verdadeira consagracão do tempo, por serem da lavra de quem estas linhas escreve. Não tome o sr. Alberto Pimentel esta pequena advertencia como uma censura, ou tomando-a, compartilhe-a com o sr. Theophilo Braga, que no seu *Cancioneiro*, deu agasalho a algumas toadas populares de egual procedencia, que escaparam á sua sagacidade de collector. Notando no livro do sr. Alberto Pimentel estes pequenos senões, fizemol-o convencido de que não prejudicariamos com elles um trabalho consciencioso, necessario na nossa litteratura, util no presente, utilissimo no futuro, quando haja, e hade haver, quem queira seguir as pisadas do sr. Theophilo Braga, e agora do auctor da *Musa das Revoluções*, colleccionando as poesias populares, o mais veridico significado do viver e sentir dos povos cultos.

Feita esta singella e sincera declaração, cumpre-nos lastimar, que livro tão portuguez no fundo, como é o do sr. Alberto Pimentel, se deixasse manchar com tres francezismos que destoam completamente da phrase vernacula em que todo elle é escripto.

Não vêmos, força é confessal-o, nenhuma necessidade de fazer passar por contrabando na alfandega das lettras, estes tres vocabulos; *reprise, refrain, écrasant*, que, embora sublinhados, se acham mal á vontade em um livro da indole da *Musa das Revoluções*.

Se o sr. Alberto Pimentel fosse um francelho, da raça dos que por ahi escrevinham pelos noticiarios, nada lhe diriamos, mas a um auctor que se presa de saber escrever portuguez, e com razão fundada, é dever nosso extranhar-lhe a condescendencia com que se servio de tres palavras francezas perfeitamente substituiveis. Não nos parece que estribilho seja menos que *refrain*, e que esmagador, não seja mesmo muito mais significativo do que *écrasant*. Quanto á estafada *reprise*, em que todos os dias nos falam os criticos theatraes, a sua traducção litteral dá idéa exacta da que se pretende exprimir, mas a verdade é que não tem ainda por si a abonação que em França lhe deu a technologia dos bastidores. Quem entendeu dever fazer esta simples observação merece credito, affirmando que o livro do sr. Alberto Pimentel representa um trabalho aturado de exploração, e um conhecimento serio das obras que fóra de Portugal se occupam de assumptos identicos.

L. A. Palmeirim.

DALILA MONTEZA (1)

I

Com a espingarda ao hombro e dois estirados coelhos a tiracollo, presos n'uma verga delgada de verde giesta, o Felizardo caminhava esfandegadamente pela fragosa vereda acima, entre os mattos rescendentes, fugindo á noute que vagamente lhe ia annunciando a escuridade do pinheiral zoeirento, onde já um grillo diligente ensaiava os seus gritinhos carpidos e furtivos, para saudar a esmaecida foucé de lua que dentro em pouco embranqueceria a treva; e quando o lesto caçador teve de pinchar agilmente por sobre uma angulosa pedreira abrupta, o caseiro do Viso avistou a mancha negra e saltante do seu corpo destacando irregularmente na velada pompa crepuscular do ceu arredado, que aureolava a rude montanha d'além, barrada de sombra, com um abrazamento moribundo de purpura, flammejada de ouro, e como que fumegando brandas verduras d'esmeraldas derretidas. De longe, businando com as mãos enconchadas, os dois falaram-se; e como o Felizardo era um bom chalaceador, o outro convidou-o para comer dois cachos.

Sahiu da choça a caseira amavel com uma abada de bôas uvas, e os tres sentaram-se no terreiro semeado d'esmigalhadas móssas de lenha rachada, pondo-se familiarmente a devorar os bojudinhos bagos saborosos e a taramelar ácerca do luzimento das vindimas, que então musicavam de cantigas, continuamente berradas em choros foliões, as collinas revestidas da doce verdura amarellenta das vinhas; mas o caseiro reparou na espingarda, que o cauteloso caçador tinha amoravelmente estendido no chão ao seu lado, e demorando n'ella a vista aguçada de curiosidade, acabou por notar n'um pasmo:

— Rica arma, sôr Felizardo!

Com um arregaçado sorriso victorioso, o caçador lisongeado retrucou encarecedoramente que aquillo era cousa de raça ingleza, — e levantou ao ar a espingarda, com um arrogante arremeço, para lh'a contemplarem e gabarem mais. Depois, sem mesmo ser rogado, largou a contar como aquella bonita prenda lhe cahira nas mãos, — emquanto que os caseiros, escutando-o paradamente com um sorridente interesse boquiaberto, abandonavam as uvas, sem dar fé, a um bando atrevido e voraz de gallinhas roubadoras.

II

«Im tempo que já lá báe, troufe o diabo pr'a uma quinta, que fica ó pé do logar, um gardião má rez vindo lá de riba das bandas de Hespanha, — bêsta atravessada. Era home taludo, cum famas de balentão, e de reles catadura; e nun faltabum linguas bem amoladas no mexerico que dixessem que elle fôra matador e ladrão d'estrada. Nun erum as moças qu'ingraçabum c'o barbas de chibo, arreda lá; mas támem diga a berdade que nunca se biu quinta mais bem olhada, porqu'aquillo, assi que nas binhas pintava um gacho inté bendima feita, o home andava, de dia, por todos os lados, mal incarado e lampeiro com'uma sentinella da tropa, e de noite acho que dormia só c'um olho de cada bez; — e havia de pregar bôs medos ás bruxas c'os tiros que dava a eito, bastos que nem morteiros im fogo de romaria. Ora, eu uma tarde adreguei a passar por elle, quando staba assentado no portello da quinta, e com'é d'uso entre cá gente christã, salvei-o:

— Garde-o Deus.

E báe aquel alma do diabo respondeu-me assim c'um ar de chacota que m'arreliou:

— Passe de largo, amigo!

Eu tive minhas ganas de o esmurrar, porque bucês bem sabem que nun sou de nat'reza atreito ó medo; mas bi o olho negro da espingarda arreguilado pr'a mim, — e intão senti nos calcanhares umas comichões, qu'erum mais pr'a fugir que pr'a ficar im bulha. Porém tomei o melro de ponta, e cá comigo jurei fazer-lhe uma peça de mangação.

Ora agora pasme-se lá, sôra Maria! Quer acardite quer não, o lindo caso é que a Ruiba, aquella guapa moça, bêu a gostar do meliante, — despois d'elle lhe ter feito um acêrco de passante mei'anno. Bonita rapariga, — im toda a parte se diga, — balentona, morena, c'uns ôlhos pestanudos de barar penedos, e sobrancelhas tan negras e lusedias com'ós cabellos côr das amoras; e aquelles beiços grossos e bermelhudos, qu'inté parecem tingidos c'o miôlo ensenguentado de cerejas mogaes esborrachadas! Sim, senhores, grande moça, mas doidaça, arvéla, de cabeça leve e sempre im braza, — que se lá lhe puzessem as rosas de noibado, ficabum logo sêccas e riçadas de picos coma tojo. Pois a desabergonhada Ruiba deu im ir dormir á barraca do gardião amansado, — qu'andaba támem tam barrido por ella, que já nun istrondeaba nem siquer um tiro despois do toque das almas.

Assentei intão, sem dizer pio, que tinha chigado o casião do meu despique; e metteu-se-me na cabeça que havia de furtar a arma ó afoito, pr'o ensinar. E d'ahi, andei um rôr de noites á escuita e á espreita, a bêr cando pilhaba o par do régabofe descuidado, para antrar na quinta; mas os sucios nunca tinhum somno, e eu cá, farto d'oubil-os na palradeira, e ás risadas, e ós beijos, cum alarido de quem nun teme a Deus nosso sinhor e desafia o mafarrico, — nun tinha remedio senão abalar pr'a casa, c'oa bestia já molhada d'orbalho, e damnado por ter perdido o meu tempo Té que d'uma bez resolbi esperar inda que fôsse toda a noite, — por sinal que staba de chuiva e fazia assim um arremêdo de neboeiro, — e pelo pé da madrugada, cumo nun sentia barulho ninhum, galguei o sucalco e puz-me a andar por antre as bides, cum bagar e geito pr'a nun roçar nas folhas, e fui-me d'reito á barraca.

O chão, pro fortuna, tinha amollecido e abafava-me as passadas; eu cuidaba de nun pôr pé im falso, e — bem m'alembro, — c'o temor inté se m'ingelhava o coração. Porqu'eu nun lebava arma nem pau, e podia albez haver pancadaria rija; mas um home de brio nun arrecúa; inchi-me d'animo, e só parei á bocca da barraca de cannas de milho, toda molhada. C'o corpo iscondido, ispreitei pr'a drento — e nun enxerguei nada, á primeira; despois, dês qu'os olhos s'afizerum ó escuro, bi o bô do gardião stendido ó comprido, resonando coma um princez bem marendado ou com'uma ronca; a *oitra* fazia-lhe parçaria ó lado, — e bamos, que se nun m'istalasse o peito ás batocadas e nun tibesse a cabeça azoada, havia de reparar milhor im certos boccados qu'ella deixára á mostra, e que me parecerum cousa d'infeitiçar mesm'um biato benzido. Mas, tino! Intrei, péscurei isboforido a espingarda, achei-a incostada a um cesto belho, agarrei n'ella, e imcanto o diabo esfrega um olho puz-me fóra da quinta.

Botei intão á desfilada pr'ó logar, rápito com'uma lebre im planiz, a rir-me c'os meus bidogues, e nan pouco sustisfeito tamem por ter passado a cousa sem rixa; mas o brazabum, que mesmo de minhãsinha lê fundo na gente, quige m'intornar o caldo, e acordou o gardião. Ahi bem elle que curre im sus de mim, c'uma istrupida e bufos de labishome, berrando que parecia maluco:

— Hé, sô ladrão, largue a minha arma! Hé, sô ladrão!

Eu parei logo, e cá de longe, respondi-lhe c'uma boz imitante á d'elle, e mesmo de proposito pr'a lh'alembrar o tal atrevimento que m'iscorçumelára:

— Ora ponha-se ó largo, amigo; — senão, mando-lhe'uma vála!

E continuando im paz o meu caminho, tornei-lhe de mofa:

— Agora, stou eu de riba!

Pois o come-gentes nun deu mais passo, e lá se ficou a rogar-me pragas; e, ou pr'amor do bexame, ou arreciando qu'o senhor da quinta o puzesse fóra — fugiu pr'á terra, pr'ás prafundas, que nun tornou cá inté hoje. Támem póde ser que me julgasse da laia d'elle, e que se safasse c'o medo d'apanhar algum tiro. O berdadeiro é que a cara estanhada da Ruiba hi ficou sósinha e manencolica, e pro mais que (nun digam nada a ninguem!) eu

(1) O conto que vae lêr-se pertence ao livro *Historias da Montanha* que o nosso distincto collaborador o sr. Monteiro Ramalho, vae publicar, editado pelo sr. Eduardo da Costa Santos, acreditado editor portuense.

Agradecemos ao auctor a fineza que nos fez, cedendo este bello conto original e de sabor verdadeiramente portuguez, para o publicarmos no OCCIDENTE.

A REDACÇÃO.

lhe tenha buscado o geito pr'á consolar, ella assi que m'abista faz-se berde d'azêvre, e atira-m'um olhar d'isguelha mesmo ruim de todo.»

III

Então, rematada a sua historia quentemente applaudida pelos caseiros, explosivos d'uma admiração festeira, o Felizardo triumphante reparou no tenue luar, que alvejava sobre os dorsos rebeldes das serranias como uma ligeira névoa translucida, e vinha enfarinhar medrosamente a negrura dos pinheiraes visinhos, descantados pela grillaria exultante na noute tepida; e allegando que não podia andar em caminhos de monte, por hora entrada, porque as feiticeiras malvadas lhe queriam fazer uma espera, disse adeus á pressa, e foi-se, assobiando. Mas logo a curta distancia parou, e com o seu ar farçola mandou ao caseiro o astuto remoque:

— «Pr'a que beja qu'isto de femiaço ha de sempre ser a perdição d'um home!»

Vivamente, o outro protestou:

— «Arreda agoiro!»

E relanceou á mulher, que se ria em silencio, um olhar marôto e carregado d'amigaveis promessas — em tanto que o caçador, d'espingarda ao hombro, se ia afastando com celeres passadas cada vez mais amortecidas.

Monteiro Ramalho.

D. LUIZA DE GUSMÃO

(Estudo historico)

(Continuado do n.º 230)

A *Memoria* que D. João IV deixou á rainha, quando passou ao Alemtejo, escripta pelo secretario Pedro Vieira da Silva, e assignada pelo rei expressamente recommendava a D. Luiza *que despache ouvindo primeiro votar sobre a materia o marquez de Ferreira, o Bispo Capellão Mór, e o Bispo eleito do Porto* (1); e alarga esta precaução previa, com outras egualmente significativas, não sendo a menos importante d'ellas, a expressa ordem que deixou de serem mandados ao Alemtejo dois correios por semana, além dos ordinarios, tudo, como se vê, na intenção de estar ao corrente dos acontecimentos politicos durante a sua curta ausencia da capital.

Pelo fallecimento de D. João IV, em 1656, assumiu D. Luiza de Gusmão a regencia do reino, na menoridade do principe D. Affonso, seu filho, e em conformidade com as disposições testamentarias de seu marido. Não era facil o encargo, antes de espinhoso o devemos qualificar, para sermos justos. A ruim indole do principe herdeiro, a penuria cada vez mais accrescida dos cofres publicos, a que se não podia prever o termo, as desavenças dos fidalgos, formando como dois bandos irreconciliaveis, tudo se conspirava contra a regencia de uma senhora que, a ser viridica a ambição que se lhe attribue, *de antes querer ser rainha uma hora do que duqueza toda a vida*, occasiões teve de sobra para se recordar com saudade dos paços ducaes de Villa-Viçosa, quando os seus exclusivos cuidados eram, não deixar enxovalhar os brasões da sua nobre estirpe na competencia em que andavam envolvidos com os affectos venaes das moçoilas a quem o duque de Bragança comprava as boas graças.

Que infeliz e amargurada regencia foi a da pobre D. Luiza de Gusmão! A da duqueza de Mantua, tão cercada de embustes conspirações, teve ao menos um desenlace rapido, e, se feriu o orgulho da governante, não affectou o sentir o intimo da mulher, em lucta por desobrigar-se dos seus deveres, sem rebaixar a dignidade do throno Como foi que a viuva de D. João IV affrontou as tempestade, á altura do animo varonil que falsamente se lhe tem attribuido com usurpada gloria para ella, e laivos certeiros de bem merecida critica para o caracter tibio e remisso de seu marido? Vamos dizel-o. Antes, porém, pede a verdade que façâmos completa e inteira justiça á dedicação de D. Luiza como mãe, e não será esta a feição menos digna do seu caracter, nem a que em menos conta mereça ser tida pelos seus panegyristas.

Antes ainda de se vêr a braços com as torpezas que antecederam, e seguiram a exaltação de Affonso VI ao throno, ainda ha tão pouco tempo redemido da usurpação alheia, cumpre-nos vêr como ella das coisas publicas se esquecia para só se lembrar que era mãe, quando o principe D. Theodosio, o primogenito e talvez o melhor dos tres filhos que lhe haviam medrado, era ainda em vida de D. João IV, attacado de velleidades bellicosas, e, largando os livros, que eram os seus encantos, partia occultamente para Elvas, a 2 de novembro de 1651, acompanhado unicamente do conde de Vimioso e de João Nunes da Cunha, seus gentis homens da camara.

Não vem aqui a proposito indagar que motivos sérios, ou futeis teve o principe D. Theodosio para esta partida clandestina, elle, que as chronicas nos pintam como pendendo para o ascetismo, apesar da sua curta edade, merecendo-lhes a honra de o chegarem a inculcar como havendo directamente contribuido para a conversão da rainha Christina da Suecia, a quem dedicára um livro intitulado *Sacramento altaris*, inspirando-lhe o desejo, que se não realisou, de vir viver em Portugal.

Seja como fôr, o caso é que o principe D. Theodosio partira para o Alemtejo sem a annuencia paterna e sem que D. Luiza tivesse conhecimento da resolução do filho, seguindo-se a este acto impensado do herdeiro da corôa, duas cartas de D. João IV, e uma da rainha D. Luiza de Gusmão, que vem transcriptas nas *Provas Genealogicas da Casa Real*, com os obrigados commentarios, que o auctor nunca se furta a fazer a tudo quanto é realengo. Ouçamol-o: «*Tambem a rainha lhe havia antecipadamente escripto outra* (carta) *com sua propria mão a 11 de novembro com differente methodo; por que somente explica carinhosa, e discretamente o seu amor, e a sua saudade, de sorte, que na carta d'el-rei se admira, o que diz, e na da Rainha, o que calou, e em ambas se vê o brilhante d'aquelles sublimes talentos.*»

Sem nos fazermos cargo do exagero da conclusão, adstringindo-nos exclusivamente ao nosso fim, vemos que, em quanto D. João IV mostrava ao filho *os inconvenientes da jornada, e o quanto ella podia ser prejudicial á defeza do reino*; pelo contrario D. Luiza de Gusmão, dizendo-se incompetente para tratar negocios de politica e de guerra, escrevia ao filho familiarmente, de todo esquecida do passo imprudente e arriscado que elle dera, indo assumir uma responsabilidade que lhe não pertencia, nas criticas circumstancias em que se encontrava o exercito do Alemtejo. Presume-se, com um certo grau de verosimilhança, que uma carta que o Padre Antonio Vieira escrevera ao principe D. Theodosio, incitando-lhe os brios militares, fôra a causal d'este pretender imitar os assomos cavalheirosos de D. Sebastião, arriscando o reino a uma nova Alcacerquibir, em miniatura. A carta de D. Luiza de Gusmão, para o filho estouvado dizia assim: «*Não sei responder á tua carta, sei apenas amar-te, e julgar que em ti tudo sam acertos, e que não fossem sempre o poria em duvida, e em toda a parte o defenderia, que o meu natural é esse para com todos, quanto mais para ti, que eras todo o meu amor e unico bem, tu deves saber que estou muito vaidosa por haveres sido festejado pelos visinhos, e muito mais ainda se me deres o prazer de responderes ácerca d'aquillo, que te quero mandar e tambem de que queres que seja a guarnição do capote, e guarde-te Deus, já sabes que é todo o meu empenho não te cançar, e por isso serei muito breve sempre, perdoa-me estas garatujas, que nem o sentimento me permitte mais, nem tambem um dedo que tenho doente. Recados de teus irmãos, e a Catharina diz que te lembres de lhe responder. Lisboa 11 de novembro. Tua mãe que mais do que a si mesma te estima.*»

Rainha.

A este tempo, ainda D. Luiza de Gusmão tinha com quem compartilhar os seus desgostos. Vivia-lhe o marido, e a unica filha que lhe restava, a futura rainha de Inglaterra, ainda não havia sido sacrificada ás exigencias da diplomacia, e aos calculos da politica europea. Os dois futuros reis de Portugal, D. Affonso VI e D. Pedro II, ainda então creanças não deixavam suspeitar á pobre mãe que d'elles lhes haviam de vir as maximas tribulações da sua desamparada e triste viuvez. Pela carta que acima deixámos transcripta vê-se que a *heroina* de Villa-Viçosa degenerára em simples mãe carinhosa, não sabendo senão amar o filho rebelde, e confessando que o seu caracter pendia exclusivamente para a benevolencia. Annos depois é que a pobre senhora soube medir o fundo abysmo das grandes decepções humanas. Dos tres filhos que lhe restavam, de sete que havia sido mãe, nenhum lhe dava as alegrias intimas, que são o conforto do lar domestico. A rainha de Inglaterra, D. Catharina, vivia pouco respeitada de seu marido o imbecil Carlos II e longe da patria, volvia com saudade os olhos para a terra de que se expatriára. Seu filho, D. Affonso VI, o typo da devassidão coroada, minava pela base o antigo esplendor do throno portuguez; e seu irmão, o futuro D. Pedro II, ardiloso espreitava as occasiões de usurpar os direitos do mentecapto, que de cabeça baixa se precipitára no pélago dos mais vergonhosos vicios, das mais excepcionaes torpezas. Que quadro este para um coração amantissimo de mãe!

Foi n'estas apertadas circumstancias que D. Luiza de Gusmão, ainda a esse tempo regente do reino, se lembrou de deixar para sempre o mundo, acolhendo-se á sombra e á paz de um convento, projecto que adiou por alguns mezes, deixando-nos escriptas as poderosas razões que para isso actuaram no seu animo, quebrado de ha muito para as grandes luctas da ambição, agora de todo subjugado pelas infrenes paixões do principe seu tutellado.

(Continúa)

L. A. Palmeirim.

(1) Vid. *Provas da H. Genealogica*, T. IV.

RESENHA NOTICIOSA

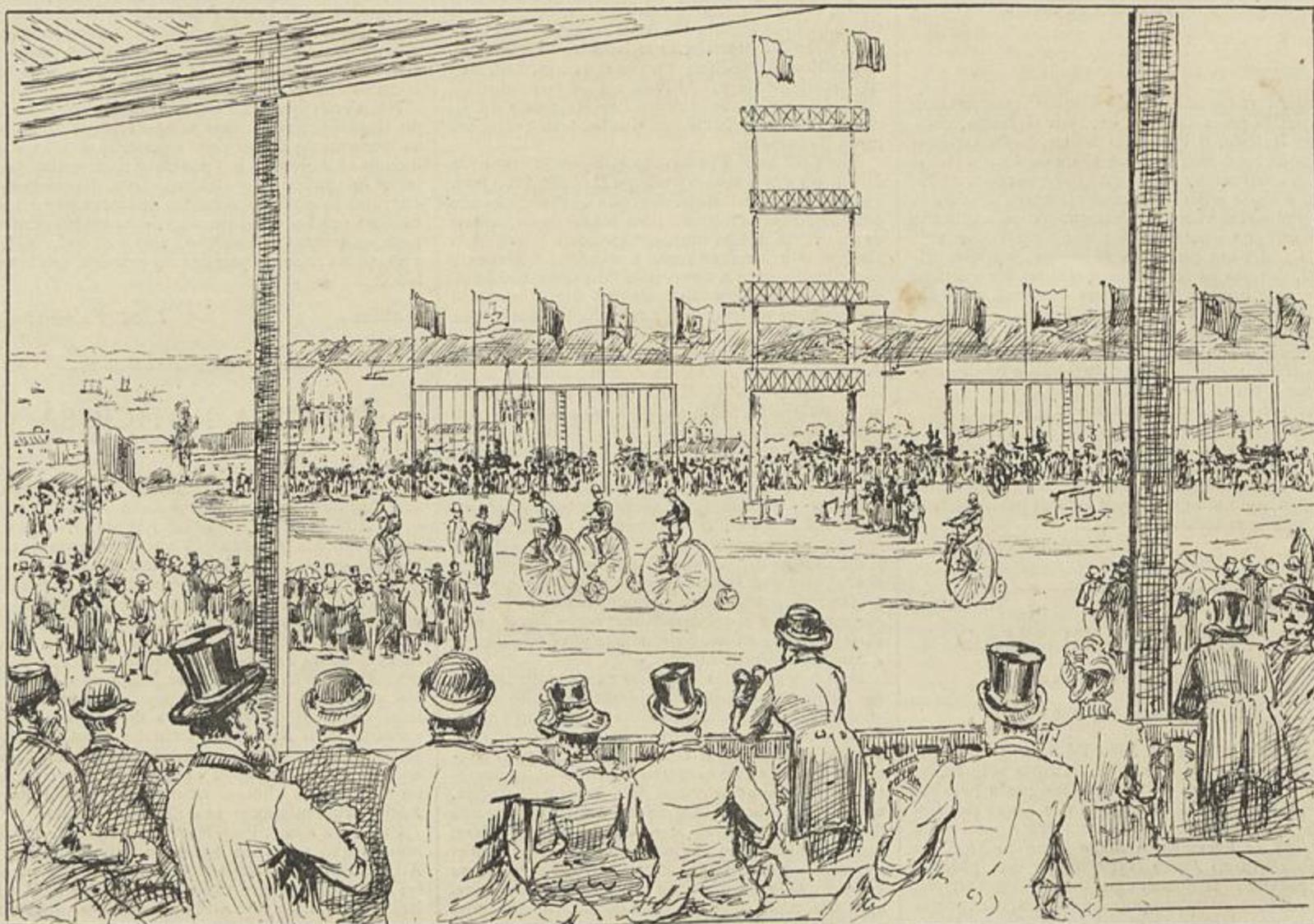
Ministro de Portugal na Suecia. Requereu, segundo consta, a sua aposentação o antigo representante de Portugal junto á corte de Stockolmo, o sr. Antonio da Cunha Sotto-Maior. Este cavalheiro, um dos portuguezes mais conhecidos e nomeados pelas suas originalidades ou singularidades, era o decano do corpo diplomatico na Suecia. O seu caracter firme, a sua intelligencia elevada e vastissima instrucção que o tornaram sempre muito apreciado como parlamentar e escriptor, crearam em torno da sua pessoalidade, n'aquelle paiz, uma aureola de estima, que ainda não ha muitos mezes se manifestára em uma verdadeira festa de todas as classes, no dia do seu anniversario. Mas Antonio da Cunha bordeja pelos 80 annos e a edade pede-lhe clima mais temperado. Em seu logar foi ou vae ser nomeado o sr. Julio Marques de Vilhena, ex-ministro da Marinha e Justiça, cuja intelligencia é assaz conhecida.

Presente regio. Pelo transporte *Africa*, que ha poucos dias sahiu do nosso porto com destino á Africa, vão conduzidos para serem entregues ao rei de Dahomey varios brindes, com que S. M. El-Rei o sr. D. Luiz presentea aquelle soberano, ainda semi-barbaro, mas amigo de Portugal. Constam elles de um bastão de ebano, encimado por uma grande esphera de prata, com as armas de Portugal e as iniciaes M. P. e L. 1.º, sobremontadas pela coroa real, tudo de oiro, o que foi trabalhado na ourivesaria do sr. Leitão, e é de uma execução perfeita; duas peças de brocado de seda, das quaes uma côr de rosa bordada a prata e outra encarnada bordada a oiro e mais dois magnificoa retratos photographicos dos nossos monarchas, em tamanho natural, tirados na photographia Fillon, enquadrados em ricas molduras da Casa Margotteau.

Praça da Figueira. Foi inaugurada sabbado 16 do corrente com toda a solemnidade este antigo mercado, reformado á moderna, e na segunda feira completou-se a passagem para elle de todos os commerciantes que provisoriamente assentavam logares no Rocio. A praça está effectivamente elegante, e em summa já que se não poude vencer a rotina, o capricho e a teima de conservar o primeiro mercado da capital em sitio tão acanhado, e falto das condições hygienicas necessarias e indispensaveis, ao menos que elle ficasse tal que dê áquella localidade uma feição graciosa. Que Deus o continue a proteger, mas que conceda tambem um todonadinha da sua protecção aos outros mercados de novo estabelecidos, e que por ora pouco serviço prestam, é o que desejamos.

Nova linha ferrea. Foi apresentada ao senado de Madrid uma proposta concedendo a construcção a D. Martin Marineralena, de uma linha ferrea a partir da fronteira portugueza e ligando com a rede do sul, vá entroncar na linha a Merida a Sevilha nas proximidades de Zafra.

Cruz Coutinho. Falleceu, no dia 15 do corrente, na cidade do Porto, o bem conhecido livreiro e jornalista, proprietario do *Jornal do Porto*, sr. Antonio Rodrigues da Cruz Coutinho. O sr. Cruz Coutinho era um caracter honradissimo, e um jornalista independente, que tinha a justa comprehensão da sublime e grandiosa missão da imprensa, que elle punha acima de todo o facciosismo, servindo, não obstante, o seu partido com toda a lealdade.

José Julio Rodrigues. Partio no dia 15 do corrente para S. Thomé este erudito professor, que vae alli estudar a cultura da quina e a sua fabricação applicada a varios preparados. O sr. José Julio Rodrigues seguiu no transporte de guerra *Africa*, e espera estar de volta em dois ou tres mezes.

Concurso de Gymnastica, no Hyppodromo em Belem, no dia 17 do corrente, promovido pelo Real Gymnasio Club Portuguez
(Desenho do natural por J. Christino)

Fazemos votos para que vá e volte em bem, e obtenha bom resultado dos seus estudos, juntando mais este assignalado serviço, aos muitos que tem prestado á sciencia e á industria nacional.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Coisas portuguezas. *Conferencia realisada no salão do Theatro da Trindade, aos 8 de junho de 1884, pelo professor José Julio Rodrigues.* Lisboa, typographia das Horas Romanticas, 40 a 52, rua da Atalaya. 1885. Fórma este volumesinho o fasciculo 103.º da *Bibliotheca do Povo e das Escolas,* do editor David Corazzi. Não se pode deixar de applaudir o erudito professor pela sua tentativa de expôr ao publico portuguez, o estado em que se acham muitos dos factores que devem concorrer para a prosperidade do paiz, e o seu atrazo com relação ao das outras nações. Se, porém, esse estado nos desanima um pouco, olhando com attenção o muito que em trinta annos, desde que começou a nossa verdadeira entrada na vida moderna, temos caminhado em todos os ramos, perdemos a má impressão que o *simili* nos havia produzido, e sorri-nos a esperança de que continuando a marchar em progressão successiva chegaremos, um pouco mais lentamente é verdade, ao ponto aonde todos visam. Mas é necessario que todos se exforcem e não adormeçam; felizmente, alguns symptomas já nos fazem confiar no futuro. Mas devemos confessar que, se o sudario que o illustrado professor, e outros inspirados apostolos nos desenrolam, de tempos a tempos, é triste, quando lemos o que se passa em muitos ramos, ainda das nações que se dizem mais adeantadas, vemos que *cá e lá más fadas ha,* e que, felizmente para nós, *vêmos a nossa tranca e não reparamos no argueiro do visinho.*

Jardim Zoologico e de Acclimação em Portugal. *Relatorio da Direcção e parecer do conselho fiscal, para serem presentes á Assembléa Geral de 1885.* Lisboa, typographia Casa Portugueza — Papellaria, 139 e 141, rua Larga de S. Roque. 1885. — Este estabelecimento, uma das tentativas mais sympathicas e ao mesmo tempo mais arrojadas que se tem feito em Portugal, prova o que acima se diz, de quanto devemos confiar no futuro, por alguns symptomas que se vão desenrolando. Effectivamente, não só em numero de animaes, que não é muito inferior aos dos jardins zoologicos das outras nações, como na concorrencia do publico, tudo nos mostra, que quando uma empreza é bem dirigida e util, o publico não a abandona, nem deixa morrer. O estado de desenvolvimento e prosperidade d'aquelle importante estabelecimento, que nós vemos com os olhos, e verificamos no documento que temos presente, é um dos factos mais caracteristicos do nosso progresso material e intellectual d'estes ultimos tempos.

Bibliotheca do Povo e das Escolas. David Corazzi, editor. Empreza Horas Romanticas, Lisboa, rua da Atalaya, 40. Filial no Brazil: 38, rua da Quitanda, Rio de Janeiro. Fasciculo 104.º: *Viticultura,* illustrado com figuras. — Só quem não conheça, nem de nome o nosso paiz, poderia desconhecer a sua importancia vinicola. A sua posição geographica, e a disposição dos seus diversos territorios, permittem-lhe, em tão pequena area, apresentar e produzir uma variedade de typos de vinhos, qual mais saboroso e apreciavel, desde o mais singelo vinho verde, fresco como uma limonada, até o mais generoso e alcoolico vinho, como o Porto ou o Moscatel de Setubal. Tudo pois que seja conducente a guiar o lavrador n'esta importante cultura, é sempre bem vindo. — N.º 105: *Geometria descriptiva.* Esta sciencia, ou ramo da sciencia, que tem por fim fazer representar sobre um plano as figuras situadas no espaço, e resolver, por traçados sobre esse plano os problemas a ellas relativos, é de uma utilidade, que se não póde deixar de encarecer. No desenho, na representação de todos os corpos, mais ou menos compostos, que queremos representar, sem o auxilio d'esta sciencia não se póde dar um passo, e quem não tiver o perfeito conhecimento da sciencia das projecções, poderá ser um desenhador de habilidade, mas nunca um desenhador correcto. É pois, este um livrinho muito util, cujo conhecimento é indispensavel ao sabio, ao artista e ao perfeito operario.

Hygiene da vista, nas escolas, por Lourenço da Fonseca, medico-oculista da Real Casa Pia de Lisboa, etc. Typographia de Lallemant Frères, Lisboa, 1885. Um folheto de 28 paginas, dedicado pelo auctor ao sr. D. Antonio da Costa. — Para quem conhece a profissiencia do sr. dr. Lourenço da Fonseca, muito especialmente nas enfermidades dos olhos, que lhe tem merecido estudos especiaes, coroados por uma pratica bastante lisongeira, escusado é encarecer o grande conhecimento com que o auctor trata o assumpto do seu livrinho, de uma utilidade incontestavel e que merece ser estudado por todos aquelles que tem a seu cargo a educação da infancia. O sr. dr. Fonseca allude ás pessimas condições hygienicas em que muitas escolas se encontram, e aponta os meios de melhorar essas condições, muito principalmente na parte que diz respeito á vista, preceituando sobre o modo e tempo de applicação da vista dos alumnos ao estudo, afim não só de lhes evitar enfermidades presentes, como deterioração da vista no futuro. Este e outros trabalhos do illustre medico, demonstram que o pouco tempo que lhe sobra da sua enorme clinica, o applica ao estudo incessante da sua especialidade.

Typ. Elzeviriana. — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.